

ARTIGO

“PELA DIFUSÃO DO ESPORTE PAULISTANO”: A CORRIDA DE SÃO SILVESTRE NAS PÁGINAS D'A GAZETA (1925- 1932)

DANIELE CRISTINA CARQUEIJEIRO DE MEDEIROS

Doutora, Instituto Superior de Educación Física – UdelaR – Uruguay.
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5493-1618>

MARCELO MORAES E SILVA

Doutor, Departamento de Educação Física –
Universidade Federal do Paraná – UFPR, Brasil.
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6640-7952>

RESUMO: A Corrida de São Silvestre teve sua estreia em 1925, organizada pelo jornalista Cásper Líbero e patrocinada pelo jornal *A Gazeta*. Neste estudo, examinamos como o jornal elaborou e divulgou a prova atlética. Nos primeiros anos, o jornal vinculou a corrida aos benefícios do esporte na cidade, visando torná-lo acessível ao grande público. O êxito da corrida consolidou *A Gazeta* como o jornal referência em esportes, e Líbero, seu editor, como um herói no cenário esportivo. Além disso, os discursos formulados para essa corrida inspiraram outras competições urbanas, criadas pelo jornal a partir de 1932.

PALAVRAS-CHAVE: História do Esporte, Esporte e Mídia, Provas Urbanas, Esportes paulistanos.

“FOR THE SPREADING OF SPORTS IN SÃO PAULO”: THE SÃO SILVESTRE ROAD RACE IN THE NEWSPAPER A GAZETA (1925-1932)

ABSTRACT: The São Silvestre Road race was first organised in 1925 by journalist Cásper Líbero and sponsored by A Gazeta. This study aims to understand how the newspaper elaborated and publicised the athletic event. In the early years, the newspaper linked the race to the benefits of sports in the city, aiming to make it accessible to the public. The race's success consolidated A Gazeta as the newspaper of reference in sports, and Líbero, its editor, as a hero in the sports scene. Moreover, the speeches formulated for this race inspired other urban competitions created by the newspaper after 1932.

KEYWORDS: History of Sport, Sport and Media, Urban Races, São Paulo Sports.

Recebido em: 21/05/2023

Aprovado em: 19/11/2023

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2024v80p245-273>



Introdução

Não é preciso ir longe para reconhecer que a São Silvestre é, até os dias atuais, um dos maiores símbolos esportivos de São Paulo e do Brasil, sendo capaz de atrair milhares de atletas e alentados espectadores para as ruas da cidade no último dia do ano (Dallari, 2009). Essa foi a primeira prova de caráter urbano e popular criada na capital do estado, voltada para o grande público e com o intuito de difundir os esportes de maneira mais ampliada e organizada pelo jornal *A Gazeta*. O periódico era de propriedade de Cásper Líbero, personagem multifacetado e complexo vinculado ao universo jornalístico paulistano que comprou o jornal em 1918, contando com a ajuda financeira de seus irmãos e alguns literatos do meio intelectual urbano (Hime, 2016).

Esse jornal, fundado em 1906, embora tenha feito algum sucesso no meio jornalístico paulistano, sofreu duro golpe com a morte de seu antigo editor em 1915. No momento em que Cásper Líbero assumiu o diário, uma mudança completa se deu em sua linha editorial, bem como em sua própria materialidade. Afinal, o jornalista acreditava que São Paulo era movida pelo progresso, regulada pela ideia de modernidade e rapidez; dessa forma, seu jornal deveria ser o reflexo da cidade, trazendo notícias conectadas com o cotidiano, em uma linguagem convidativa e com narrativas inovadoras (Nitrini, 2019). De acordo com Cruz e Peixoto (2009), os jornais de São Paulo produziram novos signos e discursos em relação ao modo de vida urbano, tornando-se lugar privilegiado de difusão de informações sobre esse tema. Para Cruz (2000), a expansão da imprensa periódica foi a faceta cultural mais importante do processo de formação e transformação da vida urbana na cidade.

Uma das novas lógicas assumidas pel'*A Gazeta* foi aquela que vinculava o esporte ao progresso e às novas relações morais que deveriam ser desenvolvidas na cidade, a partir da implementação de novos hábitos e costumes. Os esportes assumiam, nesse discurso um papel central. Eles sintonizavam, a partir de uma moral burguesa, a ideologia do trabalho a partir de um corpo disciplinado e promoviam velocidade, mobilidade e liderança. Além disso, o esporte era visto como um instrumento constituinte da

educação cívica, fundamentando os laços dos cidadãos com sua pátria e com sua região (Toledo, 2012).

Esse discurso vinculado ao esporte não era exclusividade do jornal; ao contrário, os significados atribuídos a essa prática eram estabelecidos desde diferentes olhares ao redor da cidade. De um lado, os clubes e associações esportivas paulistanas elaboravam seus códigos próprios, vinculados ao capital cultural promovido pelo esporte em relação à modernidade (Góis Júnior, 2013; Góis Júnior, Lódola, Dyreson, 2015; Medeiros; Quitzau; Moraes E Silva, 2020; Medeiros, Dalben, Soares, 2022; Lessa, Soares, Moraes E Silva, 2023).

Por outro lado, o poder público começava a organizar suas próprias perspectivas sobre essa prática, assumindo uma postura de controle e organização a partir da criação do Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo (Vimiero Gomes, Dalben, 2011; Dalben et. al. 2019). Essa iniciativa provinha de vínculos com um poderoso discurso higiênico e eugênico, propalado por destacados médicos como Artur Neiva, que viam nessa prática uma medida eugênica preventiva para o avanço da raça brasileira (Vimero Gomes, Dalben, 2011). Nesse momento, em âmbito nacional, novas relações entre a educação física escolar e os esportes também começavam a ser propostas, vinculando-os às demandas de uma sociedade que se pretendia moderna e produtiva (Linhales, 2009). Além de todas essas esferas, outros atores sociais passavam a discutir elementos como a profissionalização e a popularização dos esportes, especialmente o futebol, que já ultrapassava o limite dos clubes de elite (Rago, 2004; Gambeta, 2014).

Foi nessa amálgama de definições, confluentes ou não, que a imprensa passou a veicular suas perspectivas sobre essa prática social e cultural, criando narrativas que aportavam para a rápida disseminação dos seus novos significados (Góis Júnior, Lódola, Dyreson, 2015). Havia, portanto, uma disputa sobre os significados atribuídos ao esporte na cidade, e o jornal *A Gazeta* participou ativamente dessa construção em São Paulo.

Ao longo da história, a relação entre a imprensa e o esporte tem sido significativa mundialmente, resultando em benefícios mútuos para ambas as partes. (Geney *et al*, 2004; Montéréal, 2008). A imprensa escrita criou, no início do século XX, uma nova arte de comentar o esporte, sendo capaz de narrar aquilo que os espectadores não conseguiam ver, adicionando emoção e desfechos surpreendentes (Vigarello, 2006). A partir de seu patrocínio, o

esporte disfrutou de uma difusão sem precedentes; a imprensa, por sua vez, descobria a relação íntima entre as atividades esportivas, a publicidade e a circulação de jornais, tornando tal vínculo economicamente exitoso (Weber, 1988).

Líbero não era alheio a essa relação entre o esporte e a imprensa. Desde que comprara o jornal, ele decidiu criar uma seção específica para tratar dos esportes. Com tal investimento, o periódico foi rapidamente considerado a publicação com mais informações sobre o esporte da cidade de São Paulo. Em 1928, essa cobertura passou a fazer parte de um suplemento, *A Gazeta Esportiva*, publicado às segundas-feiras. O êxito da publicação fez com que ele tivesse cada vez mais páginas, saltando de quatro, em 1928, para 16, em 1931 e não tardou para que esse diário se tornasse, em 1947, uma publicação avulsa, sendo, ao largo do século XX, um dos principais jornais esportivos brasileiros (Toledo, 2012).

Sempre em sintonia com as aspirações populares, Cásper Líbero soube o momento adequado de ir ao encontro dos interesses de uma massa de aficionados pelos esportes, levando aos leitores relatos pormenorizados dos eventos. O editor tinha a intenção de tornar-se o porta-voz dos esportes paulistanos e, dessa forma, sua atuação não se limitou às narrativas. Como parte de seu intento, ele também promoveu a criação de algumas provas esportivas. Em diversas partes do mundo a imprensa esportiva compreendia que a conquista de um novo público era amplificada com a criação de suas próprias competições, como nos conhecidos exemplos do *Tour de France* e do *Giro d'Italia* (Weber, 1988, Geney et. al., 2004; Montéréal, 2008). A emergência das grandes provas não significava somente um sinal do novo prazer pelo espetáculo, mas também das novas e mais íntimas relações entre a imprensa e esporte. Ao criar sua própria competição esportiva, qualquer meio de comunicação passava a possuir o poder de difundi-la da maneira que quisesse, promovendo, nessas narrativas, mitos e heróis (Duret, 1993; Vigarello, 2002; Daucey, 2003; Johnes, 2011; Fortune, 2022). A primeira prova esportiva elaborada por Cásper Líbero foi a São Silvestre, no ano de 1925.

Sendo assim, o objetivo do presente artigo foi o de analisar a forma como o diário *A Gazeta* elaborou e repercutiu a prova São Silvestre em suas páginas, associando-a aos discursos produzidos pelo jornal a respeito dos benefícios do esporte na cidade de São Paulo e, com isso, contribuindo para a

difusão e popularização das provas esportivas. O recorte temporal se inicia em 1925, momento em que se deram os preparativos para a primeira edição da prova, e termina em 1932, quando começou a ser organizado o segundo grande evento urbano patrocinado pelo diário: a prova de natação Travessia de São Paulo a Nado. Com a idealização da nova competição, a São Silvestre passa a dividir os significados anteriormente atrelados exclusivamente a ela; nesse ínterim, o discurso do periódico deixou de se relacionar somente à grandeza da prova, e passou a dar enfoque ao empenho de Cásper Líbero na difusão dos esportes populares, dado que a ele é associada a organização de tais eventos.

Metodologicamente, trata-se de uma investigação que além de pensar uma história do esporte pela imprensa, toma a imprensa como objeto para refletir sobre seus vínculos com o esporte (Luca, 2005). Portanto, o jornal *A Gazeta* foi ao mesmo tempo fonte e objeto de análise para a realização dessa pesquisa, que levou em conta a proeminência desse diário na construção dos discursos esportivos em São Paulo e, ao mesmo tempo, considerou a importância que o esporte assumia em suas páginas.

A repercussão da prova nas páginas do jornal foi analisada a partir do entramado de elaborações discursivas do próprio periódico, o que permitiu colocar em diálogo as concepções de corpo, cidade, esporte que eram difundidas naquele momento histórico. Para isso, e considerando as indicações de Luca (2005), essa análise levou em conta o lugar social e político da *A Gazeta*, abordando suas relações econômicas, o aumento de sua tiragem, os vínculos políticos e ideológicos de seu editor; além disso, considerou-se a materialidade do jornal e o lugar ocupado pelas notícias ligadas à corrida de São Silvestre.

Esta análise da construção de significados sobre a prova nas páginas do jornal permitiu a elaboração de três eixos de compreensão das narrativas sobre a prova. Em um primeiro momento, as relações estabelecidas nos anúncios do jornal entre a corrida de São Silvestre e a cultura física paulistana foram analisadas, evidenciando a forma como os ideais de Cásper Líbero a respeito da cidade foram refletidos em suas ações no âmbito esportivo. Na sequência, buscou-se compreender como o jornal utilizou de artifícios narrativos a fim de transformar a prova de atletismo em um evento de alcance sul-americano, vinculando tal popularidade à difusão e popularização do

esporte. Por fim, o último eixo analisou a construção dos mitos esportivos em torno da corrida, que se tratavam tanto dos primeiros vencedores quanto do próprio Cásper Líbero, definido como o pai fundador dos esportes populares na cidade.

“Valoroso empreendimento para o desenvolvimento da florescente capital”: a corrida de São Silvestre e a cultura física paulistana

Afinal, São Paulo não era uma cidade nem de negros, nem de brancos e nem de mestiços; nem de estrangeiros e nem de brasileiros; nem americana, nem europeia, nem nativa; nem era industrial, apesar do volume crescente das fábricas, nem entreposto agrícola, apenas da importância crucial do café; não era tropical, nem subtropical; não era ainda moderna, mas já não tinha mais passado. Essa cidade que brotou súbita e inexplicavelmente, como um colossal cogumelo depois da chuva, era um enigma para seus próprios habitantes, perplexos, tentando entendê-lo como podiam, enquanto lutavam para não serem devorados (Sevcenko, 1992, p. 31).

A síntese realizada por Nicolau Sevcenko ajuda a compreender a complexidade das relações estabelecidas nesse momento na formação da nova metrópole no princípio dos anos 1920. De vilarejo, a cidade passaria à segunda maior cidade brasileira, atrás apenas do Rio de Janeiro. As alterações vertiginosas no período, sejam no âmbito econômico (Saes, 2004), populacional (Hall, 2004) ou na própria malha urbana (Carpintéro, 2013) geraram um ambiente variado, que misturava a vida moderna e provinciana. Nesse interim, era preciso adequar os paulistanos à “vida moderna”. O alvorecer dos novos tempos exigia a adequação dos comportamentos, mais ligados ao progresso e à modernidade.

Para Sevcenko (1992), Góis Júnior (2013), Góis Júnior, Lódola e Dyreson (2015) e Lessa, Soares e Moraes e Silva (2023) esses novos padrões de comportamento exigidos se vincularam rapidamente a um novo *habitus* esportivo, disseminado principalmente a partir das elites. Esse *habitus* presumia a adoção de novos comportamentos e atitudes em diferentes âmbitos. Como velocidade e aceleração passaram a ser palavras de ordem, a preparação para a semana vindoura exigia recarregar energias, tonificar nervos, exercitar-se, estimular-se. Essa discursividade sobre os esportes se

difundia especialmente através da imprensa, que veiculava as práticas atreladas a novos sentidos e significados.¹

Cásper Líbero, como influente jornalista em sua época, compartilhava que somente novos hábitos veiculados à população fariam com que São Paulo fosse alçada a seu lugar de direito, quer seja, o de signo máximo do progresso brasileiro (Hime, 2016). Foi o jornal que cunhou o slogan “São Paulo não pode parar”, para se referir a uma cidade que, na visão de seu editor, era o motor do Brasil. Assim, o jornal retratava a vida urbana de São Paulo, enfatizando aquilo que representava o avanço da metrópole e, de igual forma, criticando aquilo que simbolizava o atraso e precisava ser mudado. Nessas análises, seus editoriais afirmavam que, em nome do progresso, os habitantes deveriam mudar hábitos e costumes. Nessa transformação, uma relação moral procurava vincular formas de divertimento e trabalho, promovendo práticas ligadas ao esforço e à disciplina, criticando elementos como os jogos de azar, moralmente inadequados para a cidade que se pretendia formar (Toledo, 2012). Os esportes assumiam, nesse discurso, um papel central. Eles simbolizavam a modernidade e eram vistos como um instrumento constituinte da educação cívica, fundamentando os laços dos cidadãos com sua pátria e cidade. Esta prática era, portanto, ideal em relação aos dois paradigmas centrais levados à cabo por Cásper Líbero: o nacionalismo/regionalismo e o progresso (Hime, 2016).

A criação de uma prova esportiva foi a maneira que o jornalista encontrou de unir ações na esfera esportiva às próprias convicções sobre a relação entre urbanidade, a modernidade e os hábitos dos paulistanos. De acordo com seus biógrafos (Hime, 2016; Nitrini, 2019), a inspiração para a criação de uma prova de atletismo surgiu em 1925, quando Cásper Líbero passou uma temporada em Paris e, em uma noite da ‘cidade luz’, ao ver uma multidão de corredores passando com uma tocha na mão, imaginou uma prova nos mesmos moldes a ser realizada em São Paulo.

Os primeiros anúncios da nova prova começaram a ser veiculados no mês de setembro de 1925, com informações ainda vagas sobre o percurso. A

¹ Torna-se importante enfatizar que, ainda que o esporte se difundisse entre a população, até este momento não havia na cidade de São Paulo iniciativas públicas de controle, difusão e elaboração das práticas, ficando todas elas à cargo dos indivíduos organizados e/ou da iniciativa privada. Foi apenas em 1931 que o Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo foi instituído como órgão regulador das práticas esportivas do governo paulista, a partir da publicação do Decreto n. 4.855 (DALBEN et. al., 2019)

nota difundida no jornal contava apenas com a proposta de passar pelas principais ruas do centro de São Paulo, gerando “a prova mais original disputada na América do Sul” (CORRIDA..., 1925a, p. 5). Já nesse momento, as justificativas para a realização do evento procuraram associar o atletismo às práticas da antiguidade, momento em que os atletas corriam até o altar de Vesta com archotes acesos no meio da noite.

Além da reafirmação de sua reputação com a associação aos jogos da antiguidade, o evento contava com mais uma questão simbólica, a data em que seria realizado. O dia 31 de dezembro, além de representar o dia de São Silvestre, era o marco final do ano anterior, somado às promessas do ano vindouro. Esse momento dizia respeito também à temporada esportiva, que seria fechada “com chave de ouro”. A última noite do ano foi, portanto, utilizada como mote de promoção para a prova atlética. Essa noite, sublime e comovente, despertava diferentes emoções nos habitantes da cidade. Quando os sinos anunciavam o novo dia e o novo ano, esses sentimentos ambíguos dariam lugar a uma “esperança ridente”, marcada pela “jovialidade fagueira de quem sonha” (A PROVA..., 1925b, p.4). Em uma noite tão simbólica como esta, especialmente para uma cidade que, de acordo com Cásper Líbero, deveria sempre olhar à frente, nada seria melhor do que a associação com uma prova atlética:

Que melhor colaborador, pois, dessa alegria, de que um certamen de atletismo, onde se evidenciam a beleza, a energia physica e a confraternização dos diversos concorrentes de todos os recantos de São Paulo. A data é propicia ao exito que se deseja para a grande prova. [...]. Todos desejam despedir-se de 1925 palmilhando na noite de S. Sylvestre, o asphalto e as calçadas de nossas ruas (A PROVA..., 1925, p. 5).

De acordo com o jornal, toda a simbologia da prova apontava para seu sucesso na primeira edição; faltava apenas a aprovação dos corredores. Nesse momento, em São Paulo, o atletismo já se configurava como uma prática estruturada, vinculada ao esporte moderno, dada a presença de Federações e clubes que regulavam sua prática (Dalben *et al.* 2019; Carvalho, 2022). Dessa forma, a mobilização para a realização do evento deveria vincular os atletas, clubes e federações do estado. As primeiras notícias do jornal mencionavam que já era considerável o número de candidatos interessados pelo novo evento. Na edição de 16 de dezembro, prévia à realização da primeira prova, alguns conhecidos atletas do meio esportivo paulistano foram convidados a

dar opiniões sobre a nova competição, todas elas acolhendo a iniciativa do diário (A PROVA..., 1925).

Nessa campanha por busca de aprovação e de novos inscritos, o jornal começou a divulgar o rol de premiações, com medalhas, troféus e homenagens. Dessa forma, os primeiros inscritos começaram a ter os nomes divulgados no periódico (CORRIDA..., 1925). A primeira edição contou com 46 inscrições, dos quais 35 figuraram nos resultados gerais da prova (A CORRIDA..., 1926). Para o diário, esses números significavam o sucesso da empreitada, tanto em relação à elaboração do evento quanto em direção à difusão e desenvolvimento do atletismo (A CORRIDA..., 1926).

Internacionalmente, o atletismo já se configurava como uma prática vinculada ao esporte moderno, não sendo mais considerado somente como um conjunto de prática cotidianas que se articulavam em formato de jogo (Vettenniemi, 2012; Chébre; Renaud, 2021). As primeiras décadas do século XX foram aquelas em que esse esporte se assentou como elemento central dos Jogos Olímpicos, com grande representação de britânicos e norte-americanos. Na sequência, em 1912, a *International Amateur Athletic Federation (IAAF)* foi criada, a fim de regulamentar e regular as práticas ao redor do mundo. Já na década de 1920, o atletismo começava a ganhar características como o treinamento e a especialização, com icônicas disputas realizadas ao redor do mundo, como foi o caso da oposição entre norte-americanos e britânicos nos Jogos Olímpicos de Paris em 1924 (Matthews, 2012).

Toda essa ascensão do atletismo em direção a uma prática mais esportivizada diz respeito à forma como essa prática se vinculou a alguns ideais do esporte moderno. Para Vigarello (2002) o esporte surge como um projeto educativo, voltado para a mobilização dos jovens. Bourdieu (2003, p. 141) sublinha que o esporte educava para “a energia, coragem, virtude de líderes [...]”. Ainda, segundo o autor francês, a constituição do campo esportivo está intimamente ligada ao que chama de uma “filosofia política do esporte”, de raízes aristocráticas, e cujo ápice seria a teoria do amadorismo, a ideia de que o esporte deveria ser praticado de maneira desinteressada, configurando-se em uma escola de virilidade, formação de caráter, e, principalmente, de pessoas que quisessem vencer conforme as regras, ou seja, a partir da disputa justa, do *fair play*.

O esporte, portanto, contribuiria para a educação do jovem burguês inculcando-lhe o espírito da vitória, da conquista, ao mesmo tempo em que o ensinava a governar a si mesmo, a atuar conforme as convenções. A moral esportiva se elaborava, em suma, por meio do exemplo, da ética no jogo, da pacificação, da obediência às regras e do espírito de vitória (Vigarello, 2002). Assim, a ascensão do atletismo no meio esportivo e seus vínculos cada vez mais crescentes com essa filosofia apontam a novas compreensões morais sobre essa prática, para além das mudanças em relação à regulamentação, burocratização e sistematização (Vettenniemi, 2012; Chébre; Renaud, 2021).

Para Cásper Líbero, essa associação era essencial na elaboração da prova atlética. De acordo com Toledo (2012), a marca central da difusão esportiva do jornal *A Gazeta* era sua relação com a moralidade e a utilidade, com a emissão de pareceres favoráveis às práticas que se vinculavam a essa perspectiva e contrários àquelas que pendiam, por exemplo, aos jogos de apostas. Portanto, a escolha do atletismo como esporte representante da primeira prova popular capitaneada pelo diário refletia essas relações previamente estabelecidas.

Nos primeiros anos de realização da prova, os editores esportivos do jornal aproveitaram o espaço de difusão da São Silvestre, em geral iniciado no mês de novembro e finalizado em janeiro, para justificar sua existência, corroborando com sentidos atribuídos aos esportes em outros âmbitos da formação paulistana. Somado a isso, aproveitavam para fazer chegar à população suas próprias concepções do desenvolvimento do cenário esportivo da cidade de São Paulo, veiculando preceitos morais associados às práticas.

As provas de atletismo, em geral, eram ambientes de desenvolvimento da força e aprimoramento do corpo, e não era diferente no caso da prova de fim de ano. Na São Silvestre, a evidência seria dada na beleza e energia física dos concorrentes, criando uma mocidade pujante e atenta (A PROVA..., 1925; ATHLETICA, 1926). Ao reafirmar os discursos de parte da classe médica paulistana sobre os usos positivos do esporte, *A Gazeta* salientava que mais

do que desenvolver o corpo, a prova era um exemplo prático na relação entre o esporte e a eugenia:²

São velhas as noções da necessidade do esporte como elemento essencial no robustecimento e apuro da raça. Entretanto, nunca é demais repeti-las e hoje com especial menção podemos blasonar esses princípios sadios e constructivos, verificando o lisonjeiro sucesso da corrida de S. Sylvestre (ATHLETICA,1926, p.6).

Com tais atributos, era de se esperar de São Paulo mais apreço pelo atletismo o que, na opinião dos colunistas do jornal, não ocorria. Após a realização da terceira edição da corrida em 1927, um pequeno balanço sobre a popularidade do esporte foi publicado enfatizando que ele era praticado em intensidade menor do que merecia, ficando à cargo de alguns poucos clubes e da prova anual organizada pela *A Gazeta*. Portanto, a ideia era que a popularidade da São Silvestre promovesse uma prática mais robusta ao longo do ano (À MARGEM..., 1928).

Outra das características vinculadas à competição era o *fair play* e os princípios amadores do esporte, que, ainda que ganhassem outras interpretações ao longo do tempo, refletiam questões como honra, dignidade, manutenção do alto controle e coragem (Holt, 1992). Dessa forma, embora o jornal recheasse suas páginas com prêmios e honrarias destinados aos competidores, era preciso enfatizar que os “verdadeiros esportistas” cuidavam “mais do cultivo physico que da ideia de premios ou recompensas” (CORRIDA..., 1926a, p.7). Eram esses, portanto, os atletas que deveriam vincular-se à prova d’*A Gazeta*.

Em certa medida, todas estas justificativas corroboravam as interpretações do diário a respeito dos esportes e de seus benefícios para a cultura física paulistana. Em síntese, tratava-se de uma elaboração que colocava São Paulo no centro das preocupações do jornal, e os esportes como elementos capazes de promover seu desenvolvimento, especialmente com a educação e estimulação da juventude. A iniciativa experimental da São Silvestre era, ao final, “confrontadora do progresso” (CORRIDA...,1926b, p.6), pois promotora do desenvolvimento esportivo da “pujante capital” (ATHLETICA,1926, p.6). O sucesso da prova seria, portanto, a maneira como o

² Diversos artigos analisam a relação entre os discursos eugênicos, a educação física e os esportes no Brasil do início do século XX. Mais informações podem ser encontradas em: Gois Júnior (2012) e Silva e Staudt (2020).

jornal colaboraria para que a preocupação do cultivo físico não ocupasse lugar secundário, oferecendo jovens fortes, educados e viris para o projeto de cidade que se almejava (ATHLETICA,1926).

Em síntese, Cásper Líbero alinhava suas expectativas para São Paulo e sua população aos atributos atribuídos aos esportes na época. Assim, uma cidade esportivizada seria mais forte, robusta e produtiva; cidadãos éticos, educados e viris seriam os responsáveis pela pujança da capital paulista. Coube à São Silvestre sintetizar tais intentos, a partir de um esporte de fácil elaboração, com vínculos já estabelecidos na cidade e com baixo custo de realização. Como consequência, o jornal e seus instrumentos narrativos se incumbiram, a partir do sucesso de suas primeiras edições, de tornar a prova o mais popular possível.

“A maior prova pedestre da América do Sul”: difusão e popularização do esporte por meio da São Silvestre

Desde as primeiras edições da São Silvestre, seus organizadores intentaram fazer com que a prova fosse a mais popular possível. Isso ficava evidente na escolha da data, do percurso que passava pelas principais ruas da cidade, mas, principalmente, na decisão de não cobrar inscrições e tampouco exigir que os corredores fossem afiliados a clubes e/ou federações. A proposta era gerar a oportunidade para que os novatos corresse ao lado de campeões consagrados, aumentando o número de envolvidos com o pedestrianismo (ATHLETICA,1927).

Embora se encorajasse uma conexão menos formal, a realização da prova, desde o início, foi estabelecida por meio de parcerias com diversas associações e instituições esportivas. Mundo afora, os clubes tiveram grande relevância na institucionalização das práticas esportivas, colaborando com sua especialização e burocratização e compartilhando, de igual maneira, códigos, ideias e sistemas vinculados aos esportes (Arnaud, 1986). Era de interesse de Líbero e de seu jornal vincular-se a esse universo já bastante próspero na cidade de São Paulo.

Desde a primeira edição da prova, sua estrutura e desenvolvimento tiveram bom aceite nos meios atléticos da cidade. Prova disso foi a massiva participação de atletas vinculados a clubes locais, além do próprio patrocínio

da Federação Paulista de Atletismo, que assumiu questões como a regulamentação e a distribuição de juízes pelo percurso (CORRIDA..., 1926b).

A presença e apoio dos clubes à realização da prova não passou incólume nas páginas d'A *Gazeta*. A síntese publicada sobre os resultados da prova de 1926 reiterou esse apoio. Primeiramente, foram anunciadas as agremiações que contaram com mais atletas inscritos, comparando com os números do ano anterior. Na sequência, o jornal enfatizou a colocação dos atletas de cada entidade no certame, apontando os campeões, os demais medalhistas e aqueles que surpreenderam. A conclusão do jornal era de que essa maciça representação clubística reafirmava o progresso dos clubes paulistanos, cada vez mais vinculados aos ideais competitivos desenvolvidos na cidade (JORGE..., 1927).

Nos anos subsequentes, o papel dos clubes participantes ganhou ainda mais destaque. De acordo com Vigarello (2006), a elaboração de uma prova específica e anual exige a elaboração de todo um vínculo narrativo com o entorno, transformando a data em um evento especial. Portanto, em cada edição, a imprensa buscava desenvolver uma aproximação cada vez mais complexa da realidade que cercava a realização da competição, incluindo-se nessa empreitada os preparativos e os treinamentos. Em São Paulo, *A Gazeta* noticiava a mobilização dos clubes em relação ao treinamento dos atletas para a participação na prova. Antes do evento de 1927, repórteres foram até os clubes analisar de que forma a preparação se dava (3ª PROVA..., 1927), algo que se repetiu, narrado de forma cada vez mais detalhada, nos anos subsequentes (HÁ VINTE...1931). Inicialmente, os atletas mais reconhecidos de cada clube eram os representantes no evento; entretanto, com a difusão da São Silvestre e o aumento de sua importância, as associações atléticas começaram a organizar competições internas para selecionar os mais rápidos (DESPERTA...,1930). Em definitivo, a realização do evento só era possível pela estreita relação que o jornal afirmava ter com os clubes paulistanos (MUITO...,1931).

A proposta de tornar a prova uma atividade de maior alcance e visibilidade seria melhor desempenhada caso outros órgãos da imprensa paulistana se somassem à difusão do evento. Como afirma Vigarello (2006), a nova arte de narrar suscitava a criação de uma identidade vinculada ao esporte, nesse caso, à prova anual. Portanto, era necessário ampliar a difusão

e o alcance da prova, utilizando a maior quantidade de meios de informação possíveis. Inicialmente, a abordagem da prova em outros diários foi somente informativa, com pequenas notas que relatavam a realização da prova e felicitavam Cásper Líbero pelo empreendimento (A CORRIDA...,1926). Entretanto, a proposta era aliciar outros jornais na criação de novas narrativas em relação ao evento. Nessa empreitada, no ano de 1932, pela primeira vez, foi colocado um carro à disposição dos outros jornalistas da cidade, para que pudessem acompanhar o desenrolar da prova e fazer a cobertura do evento (MIL...,1932, A MAIOR...1933). Os vínculos entre esporte, comércio e espetáculo se tornavam cada vez mais explícitos no caso da São Silvestre, algo que certamente corroborava com seu crescimento, popularização e difusão.

A nova arte de narrar o esporte, com uma literatura loquaz, sensível à estética e ao drama da prova esportiva, vinculava-se especialmente com a tentativa de difundir o esporte para fora dos círculos esportivos (Vigarello, 2002; MONTÉRÉMAL, 2008). Assim, gerou-se uma grande expectativa durante a realização da primeira edição quanto à receptividade da população em relação ao evento. O resultado foi o melhor possível: de acordo com o jornal, antes mesmo do horário da prova inúmeras pessoas já se concentravam no Trianon, local da partida. Além da forte presença na largada, houve comparecimento do público ao longo de todo o percurso (A CORRIDA..., 1926).

Nos anos subsequentes, a presença maciça do público que acompanhava o evento foi elemento notável nas narrativas do jornal, pois esse fator reiterava o sucesso cada vez maior da prova atlética. Agora, não eram mais somente assistentes, e sim uma multidão que acompanhava a prova (JORGE..., 1927, p. 7). Essa multidão não seguia a corrida de maneira passiva: o cordão de pedestres se enfileirava dos dois lados da rua, fazendo alvoroço na passagem dos atletas; “a cidade toda irrompia num barulho uníssono e ensurdecedor” (JORGE..., 1927, p. 7).

Não tardou para que todo esse alvoroço em relação à prova começasse a ser traduzido em cifras, mais fáceis de contabilizar e comparar. Em 1931, foi anunciado que mais de 100 mil pessoas assistiram ao transcorrer da prova, tornando a São Silvestre “um nome mágico que fazia palpitar toda a cidade” (MAIS...,1931, p.10). No ano seguinte, a cifra havia crescido 50%, o que era a comprovação, por meios estatísticos, do sucesso da prova organizada. A descrição da prova ocorrida, cada vez mais excitante e dramática, dava lugar

de destaque ao público, fazendo dos espectadores os personagens centrais da competição:

Um entusiasmo febril e comunicativo arrastou para as ruas da nossa majestosa capital uma compacta multidão que na sua heterogeneidade aplaudia freneticamente as centenas e centenas de valorosos pedestrianos [...]. Todos queriam ver e queriam viver os destemidos rapazes que se lançavam no percurso (A TRADICIONAL..., 1932, p.10).

Se nos primeiros anos da São Silvestre a proposta da propaganda massiva distribuída no jornal nos dias antecedentes se voltava exclusivamente para os clubes, federações e atletas, a partir de 1932 uma sutil mudança se deu no editorial. A partir de então, diversas reportagens publicadas foram direcionadas aos espectadores, convidando-os para participar do evento. A chamada principal do caderno esportivo, no dia da prova de 1932, tinha como título “assista hoje ao empolgante espetáculo da sensacional corrida da meia noite” (ASSISTA..., 1932, p. 8).

Ao considerar as aspirações dos jornais em relação ao esporte, em geral, voltadas a construir um negócio em torno das práticas recreativas (Rowe, 2004; Vigarello, 2006; Montéréal, 2008), não foi anódino todo o processo de difusão da prova atlética por parte d'A *Gazeta*. A aliança entre clubes esportivos, apoio das demais mídias impressas e difusão para o público em geral mostrava a verdadeira faceta da relação entre o diário e os esportes, que se tornavam mutuamente dependentes em troca de conteúdos atraentes e audiência elevada. Portanto, o objetivo inicial de tornar a prova cada vez mais popular, pouco a pouco, era alcançado.

As primeiras provas realizadas mal atingiram a marca de 100 inscritos, número que se multiplicou nos primeiros anos, chegando a 1111 corredores na prova de 1931 (A TRADICIONAL...,1932). Os participantes, inicialmente, se restringiam aos atletas dos clubes da cidade, conhecidos do meio atlético paulistano. Em 1929, os primeiros corredores do interior se inscreveram na prova. No mesmo ano, um atleta carioca se deslocou da capital para participar do evento, gerando alvoroço frente ao ato. O jornal questionava se a presença do atleta, ainda que avulso (sem pertencer a nenhum clube) seria um chamariz para a participação de outras equipes do estado (QUATROCENTOS...,1929).

Como assinalam Geney et. al. (2004), a maior dificuldade de uma prova anual com tais características reside na transformação de um evento que se repete de maneira uniforme a cada ano em uma experiência singular. Entretanto, essa é sua maior força, já que são o costume e a repetição que, de certo modo, reafirmam o conhecimento e a fidelidade do público, tornando a competição uma instituição esportiva urbana. Portanto, a difusão da competição anual e os significativos retornos de participantes e público eram prova cabal do sucesso da empreitada de Cásper Líbero. Já em 1927, dois anos após a primeira prova, o jornal emitia a alcunha de “clássica” para a prova recém estabelecida. Além disso, foi a primeira vez que houve menção que esta prova ultrapassava os limites de São Paulo, figurando em uma das mais importantes do país e, quiçá, da América do Sul (PROVA...,1927). Essa comparação era reiterada no jornal por meio de entrevistas com corredores (ARNALDO...,1930) e de comparações numéricas (38 PEDESTRIANOS...,1931), que afirmavam que não havia, em números absolutos, prova tão popular em toda a região.

De tais comparações numéricas, os editoriais do jornal tiravam as afirmações de que, enfim, a prova havia logrado seus intentos iniciais, disseminar um esporte higiênico e são à população de São Paulo, de maneira popular e gratuita, atraindo cada vez mais espectadores. Certamente os desígnios econômicos relacionados à tiragem d'*A Gazeta*, ainda que não expressos de maneira direta nos jornais, também tinham sido satisfatórios. Em suma, o periódico havia criado uma prova pública, para São Paulo, difundindo o esporte desde suas próprias perspectivas, gerando aumento de tiragem do jornal; tratava-se, de fato, de um verdadeiro acontecimento público:

A corrida de São Sylvestre é uma prova que não tem caracter particular Suas estrondosas realizações, vivamente aplaudidas por milhares e milhares de pessoas, tornaram-na exclusivamente popular para ser então, não uma corrida da Gazeta no terreno prático de suas realizações em prol do esporte brasileiro, mas sim um verdadeiro acontecimento público, que interessa todos na alta significação de sua finalidade. A São Sylvestre é uma prova tradicional do povo de São Paulo (A SÉTIMA..., 1932, p.11).

Objeto universalmente visível, o esporte passa a ser um meio de focalização tanto mais poderoso quanto mais difundido (Vigarello, 2006). A popularidade do evento era a chave que Cásper Líbero utilizaria para a

elaboração de novos significados em suas páginas: a criação de mitos, sendo ele mesmo um dos improváveis heróis esportivos do período.

Os mitos esportivos: heróis atléticos e o pai fundador

De acordo com Duret (1993) e Vigarello (2002; 2006), uma das maiores características da relação entre a imprensa e o esporte foi a criação de mitos e heróis. Na antiguidade, os heróis eram figuras míticas ou lendárias dotadas de força, nobreza e coragem. Essas características foram adotadas na sociedade moderna para a formação de novos heróis, considerados modelos de comportamento, que devem ser consistentes, bravos e inspirar a sociedade frente a novas metas (Duret, 1993; Vigarello, 2002; 2006; Dauncey, 2003; Johnes, 2011; Fortune, 2022). No universo do esporte, esses atributos são exaltados pela expectativa em torno dos atletas, vinculadas aos ideais do *fair play*, como a decência, a honra, a extrapolação das características comuns e a coragem (Smith, 1973; Duret, 1993).

Geney et. al. (2004), ao analisarem o *Tour de France*, apontam que o discurso jornalístico se propunha a fazer uma narração íntima, colocando foco nas dificuldades do vencedor, dando a ele uma dimensão humana, alguém que abnega, sofre e se esforça. Essa criação de efeitos estilísticos jornalísticos culminou com um processo que favoreceu a criação do herói das grandes provas urbanas no imaginário popular, e, em relação à prova de São Silvestre, as técnicas narrativas seguiram ideais semelhantes na definição de quem cultuar e quando.

A imprensa esportiva, por meio de suas narrativas, conquistou o público principalmente porque foi capaz de descrever os episódios de uma forma que nem o espectador seria capaz constatar: estabelecendo conexões, dramas, desenlaces improváveis. A descrição da primeira edição da São Silvestre, ainda que timidamente, se propôs a realizar essa função, esboçando a oposição entre o vencedor, Alfredo Gomes, e o segundo colocado, Matheus Marcondes (A CORRIDA...,1926). Foi apenas na segunda edição que uma seção chamada “como se deu a corrida” começou a ser publicada, narrando toda a disputa entre os quatro primeiros colocados, que foi resolvida apenas na reta final (JORGE...,1927, p.7).

Nos anos seguintes, o estilo de narração da prova se aprimorou, estabelecendo, em quase meia página do jornal, uma rememoração dos principais eventos ocorridos na noite anterior. As matérias passaram a se organizar a partir de marcos geográficos, trazendo as ruas do trajeto como ponto de marcação dos eventos. Em 1928, na avenida Angélica, um pelotão de atletas se mostrava apto a ganhar a prova, dissipado já na rua das Palmeiras, onde um pequeno grupo de corredores se distanciou. A São João, “viúva alegre”, foi palco das disputas entre os primeiros colocados, decidida apenas na linha de chegada, com a vitória de Salim Maluf (A QUARTA...1929). Já em 1930, até mesmo a aglomeração do público em frente à redação d’A Gazeta foi utilizada com efeitos de narração:

Quem está na frente?

Ninguém sabe!

Salim e Bispo na confusão do público disputa a honra de passar em primeiro lugar em frente à nossa redação. E é Bispo quem consegue, numa arrancada estratégica e inteligente! (MAIS...,1931, p. 10).

A vitória de Bispo já era dada como certa na narrativa do jornal. Os atletas se aproximavam do funil, na avenida Tiradentes, e a linha de chegada já estava à vista. Entretanto, para surpresa de todos, o vencedor fora outro atleta, Maurílio de Araújo:

Sabe quem chegou?

É Maurílio de Araújo, o valente corredor suburbano do Voluntários da Pátria FC, que numa maravilhosa demonstração de valor se classificou em primeiro lugar [...], numa aguerrida peleja contra renomados campeões de São Paulo (MAIS...,1931, p. 10).

Torna-se possível notar a forma como a narrativa criou um herói para a prova, referindo-se a sua origem humilde, longe dos principais clubes da cidade, e sua remontada final na prova, fazendo com que seu feito ganhasse mais valor. Ao utilizar do mesmo subterfúgio, nomes como Alfredo Gomes, Jorge Mancebo e Heitor Blasi passaram a ser conhecidos como os primeiros heróis da maior prova de atletismo de São Paulo.

Para Geney et. al. (2004), só era possível transformar um evento anual em um marco para a cidade por meio da repetição de informações. Era essa a maneira encontrada pelos jornais parisienses que tentavam institucionalizar o *Tour de France*, fazendo com que o público se familiarizasse com os atletas, os percursos e as regras. Na São Silvestre, a estratégia da repetição de

informações também foi utilizada na eleição dos atletas de destaque. Nesse caso, tratava-se de criar heróis e mitos em cada uma das edições, que se tornassem imortais, contribuindo para a institucionalização e perenização da prova.

As prévias das corridas, divulgadas quase diariamente a partir de novembro, apresentavam um recordatório ocupando meia página do jornal, detalhando os resultados individuais e coletivos dos atletas até então (A VI CORRIDA...,1930). Posteriormente, esses resultados eram acompanhados pelas fotografias dos esportistas, seguidas de legendas que destacavam suas realizações. Gradualmente, essa informação passava a se reproduzir nas páginas do jornal, buscando estabelecer uma tradição esportiva em São Paulo. Algumas vezes, as vitórias eram seguidas dos tempos dos atletas; outras vezes, de narrativas que recordavam como tinham sido as primeiras provas (A TRADICIONAL...,1932).

Paulatinamente, um outro elemento passou a ser inserido nessas descrições: as cifras e, com elas, as comparações. Para Vigarello (1988), em esportes de marca, como a natação e atletismo, o número se tornou um elemento importante em sua determinação, e o tempo convertido em recorde tornou-se uma variável cada vez mais determinante. Portanto, os tempos de cada atleta, dentro dessa lógica esportiva, deveriam ser medidos, quantificados e divulgados. Nos jornais que se muniam da tarefa de narrar as provas esportivas, a visão cartesiana dos resultados também se configurava em uma maneira de reinterpretar e ressignificar a prova. Na transformação discursiva da São Silvestre, *A Gazeta* se valeu das cifras para dar outro *status* à classificação, categorizando os atletas a partir da noção de tempo.

Por mais que todos os vencedores fossem lembrados nessa retomada das informações, algumas cifras tornavam-se mais importantes do que outras. Por exemplo, os clubes Esperia e Palestra Itália eram colocados em outro patamar esportivo por terem vencido a maioria das provas coletivas disputadas até o momento (A VI CORRIDA, 1930). Além disso, apesar das diferentes distâncias percorridas nos primeiros anos da prova, o nome de Jorge Mancebo figurava como sinônimo de *performance*, com um percurso de 6,2 quilômetros realizado em menos de 23 minutos. Seria sempre tarefa do próximo atleta superar a marca, colocando-se, a partir de então, como o grande recordista do evento (ASSISTA...,1931).

Pouco a pouco, esses marcos temporais construíram uma tradição para a prova dando a ela uma história singular. Tal rememoração reforçava a linha do tempo da São Silvestre e dava à corrida um novo lugar no cenário esportivo. A ênfase no evento vinha acompanhada ainda da criação de outro mito dentro do universo do esporte: o próprio criador da prova, Cásper Líbero.³

De acordo com seus biógrafos, Cásper Líbero não era exatamente uma pessoa vinculada às práticas atléticas (Hime, 2016; Nitrini, 2019). Entretanto, seu faro para os negócios identificou rapidamente os benefícios da tríade esporte, comércio e espetáculo, sendo esse o mote para o desenvolvimento do caderno esportivo do jornal e pela criação de provas atléticas, o que fez com que *A Gazeta* não tardasse a ser reconhecida como sinônimo de imprensa esportiva em São Paulo.

Ao organizar sua própria prova atlética, Cásper Líbero teve a oportunidade de vincular a ela suas perspectivas sobre saúde, esporte, higiene, eugenia e cidade, transformando-a em uma celebração dos corpos atléticos e funcionais, aptos a levar São Paulo a um novo patamar moderno. Portanto, não se tratava de uma simples competição, senão de um símbolo da nova urbanidade requerida para São Paulo, e que Cásper Líbero se esforçava para difundir nas páginas de seu jornal.

Ao fim da primeira edição da prova, a avaliação geral do jornal era que a organização havia sido um sucesso, apesar da fina chuva que havia caído na virada do ano. Esse sucesso, mais do que vinculado ao público, ao desempenho dos corredores ou à organização da Federação atlética, foi atribuído à Cásper Líbero, o idealizador:

A Corrida de S. Sylvestre deve o seu brilho à incançavel solicitude de seu instituidor, dr. Cásper Líbero, nosso prezado editor. Entusiasta dos esportes, da pratica do verdadeiro e são athletimo, o dr. Cásper Líbero tem sido o mais dedicado amigo dos esportistas em geral, dando

³ Importante destacar que, embora a construção de Cásper Líbero como um mito esportivo seja o objeto de análise desse item, sua destacada participação no universo jornalístico já o havia transformado em um notável personagem. Sua trajetória com o periodismo começa com sua atuação como repórter policial da *A Gazeta*, e ganha destaque com o lançamento do vespertino *Última Hora* no Rio de Janeiro. Foi a compra da *A Gazeta* que o colocou definitivamente como destaque do cenário jornalístico do país. Nesse jornal, sua ousadia – seja na narração dos eventos no diário, que ganharam um tom mais popular; na compra de equipamentos de última geração; na cobertura de novas temáticas; ou ainda na construção de colossais sedes para seu empreendimento – o alçou ao centro do cenário público paulistano, permitindo sua intervenção em questões políticas, econômicas e sociais. Seu legado no jornalismo é perene, destacando-se especialmente a partir da construção da Fundação Cásper Líbero, primeiro curso superior de jornalismo do Brasil, concretizado a partir de desejos expressos em seu testamento (HIME, 2016; NITRINI, 2019)

sempre seu patrocínio a todas as manifestações da cultura physica (A CORRIDA...1926, p. 6).

No ano seguinte, ao propor a segunda edição da prova, o jornal fez questão de rememorar os “esforços” realizados pelo editor-chefe na organização do primeiro evento, que “não mediu dificuldades e se declarou pronto a arcar com tudo que fosse preciso no sentido de abrilhantar o certâmen” (CORRIDA,1926b, p. 6). Mais do que entusiasta, Cásper Líbero agora era um dos promotores do esporte na cidade, e suas ações heroicas deveriam ser lembradas, vinculadas à memória coletiva da prova.

Essa associação com o esporte e influência para seu desenvolvimento na cidade fazia parte, de acordo com o jornal, de sua própria personalidade. Dentro dos ideais defendidos pela *A Gazeta*, seu proprietário não media esforços para realizar iniciativas de monta (A CORRIDA...,1926). Nesse caso, a São Silvestre era mais um dos empreendimentos destinados a contribuir para os ideais propalados pelo periódico, de engrandecimento e modernização da cidade. Dentre todas as ações voltadas a essa temática, a prática esportiva era um dos carros-chefes desse intento, capaz de “desenvolver a florescente capital” (A CORRIDA...,1926, p. 6).

Quanto mais os intentos do jornal eram alcançados com a popularidade que a prova adquiria, mais o sucesso era atribuído à personalidade de Cásper Líbero, audacioso, inteligente e sagaz. A partir do momento em que a prova passou a ser considerada a maior da América do Sul pelas métricas estipuladas pelo próprio jornal, a atribuição de sua popularidade foi direcionada ao jornalista, que com “boa vontade, espontaneidade e máscula disposição” trabalhou arduamente até ver seu evento, idealizado durante uma viagem, ganhar a alcunha de maior prova das Américas (PROVA...,1927, p. 6). As características atribuídas ao jornalista poderiam facilmente ser outorgadas a qualquer um dos vencedores da prova: máscula disposição, boa vontade, sagacidade, trabalho árduo. Tais adjetivações eram também parte de um novo léxico esportivo, que, de acordo com Bourdieu (2003), definiam os objetivos sociais do esporte e suas características morais. Portanto, se bons vencedores são intrépidos, fortes, audazes e dispostos, o promotor de tal evento merecia, de igual forma, ser designado pelas mesmas características.

O esporte, como transmissor do mito social, frequentemente permitia a encarnação de seus heróis, que exercem funções de mostrar o que deve ser

e para onde se deve ir, sendo um espelho para a sociedade (CREPEAU, 1981). Nessa perspectiva, pouco importa a veracidade ou realidade literal que envolvia esses personagens, que agora ocupavam outro escalão; o importante era a crença que estava em jogo. Dessa maneira, as narrativas criadas pela *A Gazeta* buscavam estabelecer exatamente essa relação, de fornecer homens ideais ao esporte paulistano e criar uma descrição heroica sobre eles, inculcando aos leitores novas ideias sobre o ser-esportivo. Nesse ínterim, um dos mitos improváveis exaltados pelo jornal era o próprio editor-chefe, Cásper Líbero. Embora suas características físicas fossem dificilmente atribuídas a um herói esportivo, o jornalista ganhava, nas matérias do seu jornal, as mesmas características dos campeões: audaz, inteligente, perspicaz e apaixonado pelos esportes. Mesmo quando sua fotografia destoante foi apresentada ao lado dos atletas vencedores da prova (PROVA..., 1927), a força da narrativa escrita prevalecia. Ele era, ao lado dos intrépidos atletas, uma das figuras centrais do esporte paulistano e fazia parte de sua galeria de heróis.

Considerações finais

No cenário discutido neste artigo, a São Silvestre foi um procedimento experimental. A ela foram vinculadas as primeiras ideias d'*A Gazeta* em relação a um evento público e urbano, e foi a partir dessa prova que as matérias do jornal procuraram tornar acessíveis todas as recomendações em relação ao esporte. Ainda que com percalços iniciais, a competição foi considerada um verdadeiro sucesso para seus organizadores, que viam a oportunidade de crescimento do número de competidores e de público, com vistas a alçá-la à prova atlética mais importante da América do Sul.

Cásper Líbero, ciente dos benefícios dos vínculos entre os esportes e jornais, tornou sua prova cada vez mais popular, ora direcionando sua atenção aos clubes paulistanos, ora aos outros veículos da imprensa, ora ao público que acompanhava o evento. Até mesmo o universo esportivo paulistano foi reconfigurado, com a criação de novos heróis atléticos, que passaram a povoar o imaginário esportivo. A popularização da São Silvestre, tão propalada nas páginas do jornal, trazia implícita a ideia de lucratividade em torno a uma prova que cada vez atraía mais gente.

Ao aproveitar o sucesso do primeiro empreendimento, no começo do ano de 1932, o jornal começou a anunciar uma nova empreitada no universo dos esportes: a recriação da prova de natação “Travessia de São Paulo a Nado”, outrora organizada pelo jornal *Correio Esportivo*. Essa prova, que tinha a intenção de cruzar o rio Tietê em seu percurso urbano, foi criada em 1924 e realizada até 1928, momento em que o jornal cessou suas publicações. A iniciativa era, portanto, retomar essa prova, agora sob os auspícios d’*A Gazeta* (Medeiros, Quitau, Moraes e Silva, 2020).

Ao considerar o sucesso que a São Silvestre tivera até então, os primeiros anúncios da prova aquática já contavam com presságios positivos: “A Travessia de S. Paulo a nado vai ser uma das maiores provas náuticas do Brasil, como é a corrida de S. Sylvestre a maior da América do Sul” (*A GAZETA...*,1932, p.9). No ano seguinte, a terceira prova atlética urbana patrocinada pel’*A Gazeta* foi lançada, a “Volta Ciclística 9 de Julho”, que pretendia estimular o desenvolvimento do ciclismo na cidade (Lessa; Soares; Moraes e Silva, 2023). Formava-se, dessa forma, a tríade esportiva do jornal. Todas essas provas possuíam características comuns: eram urbanas, de grande duração, abertas a todo tipo de participante e gratuitas.

A extrapolação das mesmas características centrais da São Silvestre para outras competições urbanas diz respeito não só ao caráter das provas, mas também às intenções do jornal e de seu editor. Se *A Gazeta* já era, na década de 1920, o jornal com maior sessão esportiva dentre todos os grandes periódicos paulistanos (Toledo, 2012), essa relação tornou-se ainda mais estreita com o estabelecimento dos eventos esportivos. Com os eventos, Cásper Líbero teria a oportunidade de colocar em prática todas as discursividades que insistia em vincular ao esporte, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento da mocidade paulistana e formação de novos e são cidadãos para a cidade. Mais do que isso, a criação da prova dava ao meio impresso a possibilidade de controlar as narrativas sobre o evento, direcionando-o para suas próprias significações. Nesse caso, os eventos urbanos serviram a um discurso do jornal que postulava os benefícios do esporte a uma cidade ativa e próspera, e que vinculava esses fenômenos ao progresso econômico, político, urbano e moral.

Com a estabilidade da São Silvestre, todos esses vínculos criados ultrapassam a existência da prova. Agora, mais do que somente tarefa de uma

prova de atletismo, era tarefa do próprio jornal, como promotor de eventos esportivos, difundir e divulgar os ideais esportivos pela cidade, que poderiam ser replicados sobre bicicletas e mesmo nas águas, como foi o caso das duas provas criadas posteriormente. Nesse momento, foi Cásper Líbero que ascendeu como um ícone esportivo, passível de ser adjetivado com os melhores preceitos da prática esportiva na época: sagacidade, audacidade e espírito de luta. Encara-se no próprio editor do jornal as perspectivas anteriormente atribuídas à São Silvestre, com a intenção de fazer d'*A Gazeta* o verdadeiro jornal dos esportes de São Paulo.

Fontes consultadas

3ª PROVA S. Silvestre. **A Gazeta**, São Paulo, p. 6, 27 dez. 1927.

38 PEDESTRIANOS já estão inscriptos na 7ª corrida de S. Sylvestre. **A Gazeta**, São Paulo, p. 11, 1 dez. 1931.

A CORRIDA de S. Sylvestre. **A Gazeta**, São Paulo, p. 6, 02 jan. 1926.

A GAZETA vae fazer ressurgir a tradicional prova “Travessia de S. Paulo a Nado”, que foi e será a maior competição brasileira de natação. **A Gazeta**, São Paulo, p. 9, 09 jan. 1932.

A MAIOR prova pedestre da América do Sul. **A Gazeta**, São Paulo, p. 8, 02 jan. 1933.

À MARGEM da S. Sylvestre. **A Gazeta**, São Paulo, p. 6, 10 jan. 1928.

A PROVA da “Gazeta”. **A Gazeta**, São Paulo, p. 5, 16 nov. 1925.

A QUARTA corrida de S. Sylvestre foi um verdadeiro sucesso. **A Gazeta**, São Paulo, p. 10, 02 jan. 1929.

ARNALDO Andreucci fala da São Sylvestre. **A Gazeta**, São Paulo, p. 6, 06 dez. 1930.

A SÉTIMA corrida de São Sylvestre. **A Gazeta**, São Paulo, p. 11, 05 jan. 1932.

ASSISTA amanhã ao empolgante estectaculo da corrida da meia noite. **A Gazeta**, São Paulo, p. 8, 30 dez. 1931.

ASSISTA hoje ao empolgante espectáculo da sensacional corrida da meia noite. **A Gazeta**, São Paulo, p. 8, 31 dez. 1932.

ATHLETICA. **A Gazeta**, São Paulo, p. 6, 31 dez. 1926.

ATHLETICA. **A Gazeta**, São Paulo, p. 7, 13 dez. 1927.

A TRADICIONAL corrida da meia noite. **A Gazeta**, São Paulo, p. 10, 02 jan. 1932.

A VI CORRIDA de São Sylvestre maravilha todos com elevado número de concorrentes. **A Gazeta**, São Paulo, p. 11, 20 dez. 1930.

CORRIDA de S. Sylvestre. **A Gazeta**, São Paulo, p. 5, 22 set. 1925a.

CORRIDA de S. Sylvestre. **A Gazeta**, São Paulo, p. 4, 30 dez. 1925b.

CORRIDA de S. Sylvestre. **A Gazeta**, São Paulo, p. 7, 29 dez. 1926a.

CORRIDA de S. Sylvestre. **A Gazeta**, São Paulo, p. 6, 30 dez. 1926b.

DESPERTA grande entusiasmo a VI corrida de São Sylvestre. **A Gazeta**, São Paulo, p. 11, 21 nov. 1930.

HÁ VINTE dias da maior prova pedestre da América do Sul. **A Gazeta**, São Paulo, p. 10, 12 dez. 1931.

JORGE Mancebo, do C.R.Tietê, venceu brilhantemente a prova. **A Gazeta**, São Paulo, p. 7, 03 jan. 1927.

MAIS de 100000 pessoas assistiram, na noite de 31, o transcorrer da VI disputa da S. Sylvestre. **A Gazeta**, São Paulo, p. 10, 02 jan. 1931.

MIL e vinte oito corredores. **A Gazeta**, São Paulo, p. 7, 26 dez. 1932.

MUITO obrigado. **A Gazeta**, São Paulo, p. 10, 07 jan. 1931.

PROVA S. Sylvestre. **A Gazeta**, São Paulo, p. 6, 31 dez. 1927.

QUATROCENTOS e sessenta e quatro corredores estão inscriptos, este anno, na V disputa da corrida de S. Sylvestre. **A Gazeta**, São Paulo, p. 6, 27 dez. 1929.

Referências bibliográficas

ARNAUD, P. Pratiques et pratiquants: les transformation de la sociabilité sportive. L'exemple de Lyon et du département du Rhône entre 1850 et 1914. *In*: ARNAUD, P.; CAMY, J. **La Naissance du mouvement sportif associatif en France**: sociabilités et formes de pratiques sportives. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1986.

BOURDIEU, P. Como se pode ser desportista? *In*: **Questões de sociologia**. Lisboa, Portugal: Fim de século, 2003. p. 181.

CARPINTÉRO, M. V. T. Arte, técnica e política na trajetória de Francisco Prestes Maia. **URBANA**, n. 2, v. 5, p. 20-46, 2 jul. 2013.

CARVALHO, M. L. M. Francisco Pompêo do Amaral: um atleta de práticas exitosas e memoráveis. **History of Education in Latin America-HistELA**, v. 5, p. e28363, 2022.

CHÈBRE, A.; RENAUD, J. La socialisation par l'effort: L'exemple du cross-country en France (1907-1924). **20 & 21. Revue d'histoire**, n. 1, p. 3-18, 2021.

CREPEAU, R.C. Sport, heroes and myth. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 5, n.1, p. 23-31, 1981.

CRUZ, H. F. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915.** São Paulo, SP: Imprensa Oficial, 2000.

CRUZ, H. F.; PEIXOTO, M. R. C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, [S./], v. 35, dez. 2009.

DALLARI, M. M. **Corrida de rua: um fenômeno sociocultural contemporâneo.** Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2009. pp. 130.

DALBEN, A. et. al. Criação do Departamento de Educação Física do estado de São Paulo (1925-1932). **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, n. 171, p. 264-286, 2019.

DAUNCEY, H. French cycling heroes of the tour: winners and losers. **The International Journal of the History of Sport**, v. 20, n. 2, p. 175-202, 2003.

DURET, P. **L'héroïsme sportif.** Paris : Presses universitaires de France, 1993.

FORTUNE, Y. Emil Zatopek in the pantheon of long-distance running: the creation of a sporting myth. **Sport in History**, v. 42, n. 2, p. 257-279, 2022.

GAMBETA, W. R. **A bola rolou: o Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol, 1895-1916.** Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. 408p.

GENEY, L. et. al. Les débuts du Tour de France (1903-1939) ou la construction d'un mythe médiatisé – analyse de la « Une » de deux hebdomadaires spécialisés. **European Studies in Sport History**, p. 81-100, dez. 2004.

GÓIS JUNIOR, E. Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX. **Revista Movimento**, v. 19, p. 139-159, 2012.

GÓIS JÚNIOR, E. O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. **Movimento**, v. 19, n. 04, p. 95-117, 2013.

GÓIS JÚNIOR, E.; LÓDOLA, S.; DYRESON, M. The Rise of Modern Sport in Fin de Siècle São Paulo: Reading Elite and Bourgeois Sensibilities, the Popular Press, and the Creation of Cultural Capital. **The International Journal of the History of Sport**, v. 32, n.14, 1661-1667, 2015.

HALL, M. Imigrantes na cidade de São Paulo. *In: História da cidade de São Paulo.* Orientação de Alzira Lobo de Arruda Campos. Coorientação de Paula Porta, Antonio Arnoni Prado, Adriano Duarte. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p.121-151.

HIME, G. **Cásper Líbero e a modernização do jornalismo brasileiro.** São Paulo: Appris, 2016.

HOLT, R. Amateurism and its interpretation: the social origins of British sport. **Innovation: the European Journal of Social Science Research**, v.5, n.4, p. 19-31, 1992.

JOHNES, M. **Stories of a Post-industrial Hero: The Death of Johnny Owen.** Sport in History, v. 31, n. 4, p. 444-463, 2011.

LESSA, P. R.; SOARES, C. L.; MORAES E SILVA, M. Passeios de bicicleta, corridas esportivas: novos divertimentos na cidade de São Paulo (1896-1925). **Topoi**, v. 24, p. 311-334, 2023.

LINHALES, M. A. **A escola e o esporte: uma história de práticas culturais**. São Paulo: Cortez, 2009.

LUCA, T.R. História do, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, C.B. et. al. (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2005, p. 111-144.

MATTHEWS, P. **Historical Dictionary of Track and Field**. Plymouth, UK: The Scarecrow Press, 2012.

MEDEIROS, D. C. C, QUITZAU, E. A., MORAES E SILVA, M. A travessia de São Paulo a nado (1924-1944) e o processo de esportivização aquática paulistana. **História: Questões & Debates**, v. 68, n. 2, p. 77-95, 2020.

MEDEIROS, D.C.C., DALBEN, A., SOARES, C.L. Educação pelo esporte na cidade de São Paulo (1920-1936). **Cadernos de História da Educação**, v.21, p. 1-20, 2022.

MONTÉRÉMAL, G. L'Équipe: médiateur et producteur de spectacle sportif, 1946-1967. **Le Temps des Médias**, vol.9, n°2, 107-120, 2008.

NITRINI, D. **Cáspér Líbero: jornalista que fez escola**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2019.

RAGO, M. A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. *In*: **História da cidade de São Paulo**. Orientação de Alzira Lobo de Arruda Campos. Coorientação de Paula Porta, Antonio Arnoni Prado, Adriano Duarte. v. 3. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2004, p.387-453

ROWE, D. **Sport, culture and the media**. Berkshire, UK: Open University Press, 2004

SAES, F. São Paulo republicana: vida econômica. *In*: **História da cidade de São Paulo**. Orientação de Alzira Lobo de Arruda Campos. Coorientação de Paula Porta, Antonio Arnoni Prado, Adriano Duarte. v. 3. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2004, p. 215-255

SEVCENKO, N. **Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras.

SILVA, A.L.; STAUDT, J L. "Não podemos cruzar os braços ante a desfiguração plástica e psychica da humanidade" e: a Educação Física na Eugenia de Renato Kehl (1917-1929). **MÉTIS**, v. 19, p. 170-188, 2020.

SMITH, G. The sport hero: an endangered species. **Quest**, v. 19, n.1, 1973, p. 59-70.

TOLEDO, L.H. A cidade e o jornal: a Gazeta Esportiva e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século XX. Em: HOLANDA, B.B.; MELO, V.A. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7letras, 2012, p. 52-79.

VETTENIEMI, E. Prologue: representations of running. **The International Journal of the History of Sport**, v. 29, n. 7, p. 967-979, 2012.

VIGARELLO, G. **Une histoire culturelle du sport:** Techniques d'hier... Et d'aujourd'hui. Paris : Éditions Robert Laffont S.A, 1988.

VIGARELLO, G. **Du jeu ancien au show sportif:** la naissance d'un mythe. Paris: Éditions Seuil, 2002.

VIGARELLO, G. Stades : le spectacle sportif des tribunes aux écrans. Em: CORBIN, A et. al. **Histoire du corps.** Paris : Éditions Seuil, 2006, p. 343-369.

VIMIEIRO GOMES, A. C.; DALBEN, A. O controle médico-esportivo no Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo: aproximações entre esporte e medicina nas décadas de 1930 e 1940. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.18, n.2, p.321-335, 2011.

WEBER, E. **França fin-de-siècle.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.